

★  
**Blackbird**  
**Fly**★  
**aprendendo a voar**

Título original: Blackbird Fly

Copyright © 2015 by Erin Entrada Kelly

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: Raquel Cozer

Gerente editorial: Alice Mello

Editor: Ulisses Teixeira

Revisão: Isabela Sampaio

Adaptação de capa: Guilherme Peres

Produção de ebook: S2 Books

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K39b

Kelly, Erin Entrada

Blackbird fly / Erin Entrada Kelly ; tradução Paula Di Carvalho. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Harper Collins ; Poços de Caldas [MG] : Leiturinha, 2021.

240 p.

Tradução de : Blackbird fly

ISBN 9786555111064

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. I. Carvalho, Paula Di. II. Título.

20-68066

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(73)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

04/12/2020 09/12/2020

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperKids, da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperKids é uma marca licenciada

à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

Este livro foi impresso em parceria com a Leiturinha.

## Sumário:

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

1. O dia em que nevou

2. Comedora de cachorros

3. Nenhuma das alternativas anteriores

4. Ainda quase ok

5. Olá, adeus

6. A Lista do Cão

7. Porque

8. O valor de vinte dólares

9. Virando americana

10. Mentirinhas inocentes

11. Redenção

12. Cleópatra

13. Dedicatórias

14. Ditados

15. Aonde vão pessoas sem amigos

16. Desculpas

17. Deusa do canil

18. Ensopado

19. Fundo de Doação Fender Starcaster de Apple Yengko

20. A Delinquente e a Aberração

21. Guwapo

22. A incrível cantora de Chapel Spring

23. Como entregar um violão secreto

24. Blackbird fly

25. A deusa do violão

26. Às vezes as pessoas precisam de uma serenata

27. Sempre escolha George

28. Liberdade

29. Pronta

30. Os FIs de Apple Yengko

Agradecimentos

# 1. O dia em que nevou

2ª Música Favorita Do Momento: “Sunshine Live for Me”

Copyrighted image

No dia em que nos mudamos para os Estados Unidos, nevou em Chapel Spring, cidade do estado de Louisiana, pela primeira vez em vinte anos. Minha mãe disse que era um sinal de que as estações da nossa vida estavam mudando. Mesmo tendo só 4 anos, ainda me lembro de como ela me abraçou forte e disse que tínhamos uma coisa incrível pela frente: uma vida de americanas.

Quando você começa uma vida nova, tem que se livrar de tudo da antiga — pelo menos segundo minha mãe —, então, no dia em que nevou, minha mãe não levava nada das Filipinas, só a Bíblia Católica e uma foto da minha avó. Eu levava um cartão-postal velho e uma fita cassete dos Beatles. Era *Abbey Road*, para ser exata. Meu pai tinha escrito o nome dele ali de canetinha preta já fazia muito, muito tempo. *H. Yengko*. Algumas letras tinham se apagado, mas, para mim, o nome

continuava claro como sempre. Peguei a fita depressa antes de sairmos da *barangay* onde morávamos, era a única coisa que caberia no meu bolso.

Passei muito tempo sem poder ouvir a fita, já que a gente não tinha como tocar, mas, ano passado, encontrei um toca-fitas em uma venda de garagem, então pude ouvi-la pela primeira vez. Deu para notar que meu pai escutava muito: estava toda rachada, com os títulos das músicas apagados. Na mesma hora entendi por que a fita estava tão gasta. Depois que você ouve os Beatles, não tem mais volta. É a melhor banda de rock que já existiu, na minha opinião. E meu favorito é o George Harrison. Ele em geral era o guitarrista principal, mas também cantava e compunha.

Se eu pudesse perguntar alguma coisa ao meu pai, perguntaria qual era o favorito dele. Queria perguntar se minha mãe sabe, mas ela não gosta quando eu falo do meu pai, nem quando falo de música. Ela deve ser a única pessoa do mundo que não tem uma música favorita. A minha preferida de todos os tempos é “Blackbird” — dos Beatles, óbvio —, mas a segunda preferida do momento é “Sunshine Life for Me”, que o George escreveu e que é interpretada pelo meu terceiro Beatle preferido, o Ringo Starr.

Minha mãe pode não ter uma música favorita, mas tem histórias favoritas. Uma delas é sobre o dia em que chegamos aos Estados Unidos. O dia em que nevou. Foi essa que ela contou na manhã da festa de Alyssa Tate, ajeitando o avental enquanto mexia uma panela quente de arroz frito com alho. Era o avental branco com *Mabuhay Filipinas!* escrito em letras vermelhas e grossas. Sempre achei engraçado como antes ela não via a hora de virar americana, mas, quando enfim viemos para os Estados Unidos, minha mãe se cercou de coisas da nossa terra natal. Temos um Santo Niño na cristaleira, *pancit* e frango adobo na geladeira, e aquele avental. Avental idiota.

Ela conta a história de como viemos para cá depois que meu pai morreu, mas nunca diz “depois que o seu pai morreu”. Em vez disso, diz “depois de tudo o que aconteceu”.

Não nevou nem três centímetros no dia em que chegamos a Chapel Spring, mas o gelo craquelava sob nossos pés enquanto a melhor amiga da minha mãe, Lita, nos guiava para nossa casa amarela de dois quartos na Oak Park Drive. Como estava frio e o chão estava coberto de neve, eu perguntei se aquilo significava que o Papai Noel estava chegando.

— Lembra disso, Apple? Lembra? — Minha mãe sorriu, olhando para a panela de arroz. O cheiro de alho enchia a casa toda.

Remexi a alface na tigela, mas não disse nada. Olhei para as sete cenourinhas na minha salada. Minha mãe sabe que não como mais isso, mas mesmo assim coloca no meu prato.

Eu me lembro daquele dia. Lembro como meu casaco novo estava pesado e que a casa nova tinha um cheiro esquisito. Lembro de perguntar sobre o Papai Noel, de sentir falta do mar e de ouvir Lita dizer que eu tinha muita sorte.

Espetei as cenouras uma por uma e separei-as em um guardanapo ao lado do prato. O óleo do molho da salada encharcou o papel e sujou a mesa, porque minha mãe compra o guardanapo mais barato que tem. Minha mãe compra tudo do mais barato.

Ela olhou feio para o guardanapo.

— Achei que cenoura fosse sua comida preferida. — Ela apontou para mim com a colher. — Sabia que Cenoura faz bem para os olhos?

Faz cinco anos que eu repito a mesma coisa sobre cenouras, mas, quando se trata de conversar, nós duas somos como um carrossel. Já gastamos todos os assuntos novos, então falamos sobre as mesmas coisas sem parar; do nosso primeiro dia nos Estados Unidos, de como cenoura costumava ser minha comida preferida.

Na época em que eu ainda acreditava em cenouras, Lita disse que tinha lido em uma revista sobre uma modelo que tinha ficado com o rosto todo laranja porque comia cenoura o dia todo. Aí minha mãe disse para eu tomar cuidado e não comer demais.

— Antes você comia muita cenoura — comentou ela. — Eu ficava só esperando o dia em que você ia acordar laranja.

Mas eis um segredo: cenoura nunca foi minha comida preferida. Eu odiava a sensação da casca cartilaginosa se partindo entre meus dentes e odiava como o gosto não era doce nem amargo. Mas eu comia até ficar cheia porque, quando tinha 7 anos, minha mãe me disse que “fazia bem para os olhos”. Eu comia as cenouras direto do saco, esperando que meus olhos ficassem azuis. Mas eles continuaram puxados e escuros, com cílios curtinhos. Como são até hoje.

Mais tarde, descobri que cenouras, na teoria, são boas para a visão, não para a cor ou o formato dos olhos. Mas quem se importa com isso quando se pode usar óculos ou lentes de contato? Nada conserta olhos puxados.

Fiquei olhando enquanto o círculo molhado se expandia em volta das cenouras no guardanapo e escutei minha mãe cantarolar músicas românticas filipinas. É estranho ouvir minha mãe assim, porque ela não é nada musical. Acho que nem percebe que está cantando. Se percebesse, pararia.

— Ontem, no shopping, vi um violão que custa só vinte dólares — comentei.

Ela parou de cantarolar e apertou os lábios em uma linha fina.

Espetei uma fatia de cebola e a deixei balançando no ar até cair.

— Você disse que eu podia comprar um violão, se encontrasse um bem barato.

Minha mãe soltou um suspiro.

— As aulas acabaram de começar. Você precisa se concentrar nos seus estudos.

— Eu sempre sou uma das melhores do ano.

— Você é grande demais para esses brinquedos.

— Como é que eu vou ser o próximo George Harrison ou John Lennon se não tiver um violão?

— Já chega, *anak*.

— Você disse que eu podia comprar um violão. Você disse isso no começo do verão. Já é quase outono! — Meu peito estava quente.

Mamãe desligou o fogo e mexeu o arroz pela última vez.

— O almoço está pronto.

— Não estou nem aí para o almoço.

— *Ay, Apple* — retrucou ela, balançando a cabeça. — Você precisa almoçar.

Tínhamos voltado ao carrossel. Agora ela ia dizer que eu precisava comer porque ela era um palito quando era nova, e as crianças implicaram até ela finalmente ganhar um pouco de peso. Depois, diria que não precisa ser magra demais, mas também não dá para ser gorda demais. Tem que ficar num meio-termo, igual a ela.

— Você disse que eu podia comprar um violão — insisti, depressa.

Ela cerrou o maxilar daquele jeito de quando está irritada, mas não liguei.

— Não quero falar sobre isso de novo, Apple. Já tivemos essa conversa tantas vezes. Deixe para depois.

Ela sempre diz isso, só que o “depois” não chega nunca. Ela só fala isso porque acha que vou esquecer, mas não vou. Todos os compositores famosos precisam de um violão. É uma necessidade. George Harrison tinha um. Paul Simon, Norah Jones... todos eles têm violões.

— Você sempre diz isso! — retruco.

— *Ay, sus*. Olha o tom. Você está ficando americana demais.

Empurrei a cadeira para trás, dizendo:

— Não estou com fome. Vou andar de bicicleta.

— Vai sozinha ou vai com alguém?

Fingi não ouvir e fui para a porta dos fundos, onde peguei a mochila de fim de semana no canto da parede. A mochila de fim de semana é bem parecida com a mochila da escola, mas, em vez de livros didáticos chatos, é equipada com uma muda de roupas, meu caderno vermelho e uma garrafa d'água. Antigamente eu também deixava o *Abbey Road* lá dentro, mas aí um dia quase esqueci a mochila no ônibus. E, se tem um lugar onde você não quer deixar algum bem precioso, é no ônibus.

— Ah, que pena que você não é muito boa em fazer amigos! — exclamou mamãe da cozinha. — Não é bom as crianças ficarem andando por aí sozinhas o tempo todo. Nas Filipinas, nenhuma criança brincava sozinha.

— A gente não está nas Filipinas — respondi, saindo.

## 2. Comedora de cachorros

2MFDM: “Let It Be”

Copyrighted image

Eu me sentei no selim vintage e gastei da bicicleta e saí pedalando. Minha bicicleta é uma bela porcaria, e a corrente às vezes sai do lugar. Quando isso acontece, eu tenho que levantar a roda traseira e consertar. É um saco, mas tenho uma ferramenta para isso na mochila. As calçadas de Oak Park são todas rachadas, o que não ajuda em nada. Às vezes, fico cantando alguma música na cabeça e desvio das rachaduras no ritmo, só para deixar tudo mais interessante.

Em pouco tempo, comecei a sentir o suor escorrendo pela testa e por entre as escápulas. Tem muitas árvores nos cinco quarteirões entre a minha rua e a de Alyssa Tate, então o sol não fica tão forte. Mas, assim que viro à direita na rua de Alyssa, as árvores acabam — o que dificulta a tarefa de esconder a bicicleta e trocar de camiseta, mas ao longo do verão acabei encontrando um montinho perfeito de arbustos altos a umas quatro casas dos Tate. E foi lá que eu encostei a bicicleta e me agachei para trocar a camiseta suada por outra limpa, que sempre carrego

comigo. Tomei um gole enorme de água, então saí de trás dos arbustos, deixando a bicicleta velha e a mochila escondidas lá.

Não tinha nenhuma bicicleta em frente à casa de Alyssa, o que significava que os garotos ainda não tinham chegado. Já era a quarta semana de ano letivo, e Alyssa sempre dava uma festa de volta às aulas. Só que, naquele ano, ela só tinha convidado eu, Gretchen Scott e alguns garotos do nosso ano. Alyssa disse que queria passar o ano todo namorando, e Jake Bevans estava na sua mira.

A mãe dela me guiou pela casa com ar-condicionado na direção do deque dos fundos, onde estavam as meninas.

— Espero que você não tenha andando de casa até aqui. Está um forno lá fora! — comentou a Sra. Tate, o cabelo loiro preso no topo da cabeça, os olhos redondos e azuis. Bem americana. — Se precisava de uma carona, seria um prazer buscar você de carro.

— Tudo bem. Minha mãe me deixou aqui.

Ela olhou de relance para a porta da frente e franziu a testa.

— Ah, sua mãe estava lá fora? Queria ter dado um oi.

— Ela estava com pressa.

Gretchen e Alyssa estavam no pátio dos fundos. Alyssa estava em uma das cadeiras, sentada daquele jeito de quando sabia que podia ter garotos olhando: as pernas cruzadas e a cabeça inclinada para o lado. Quando viramos amigas, no quinto ano, ela não ligava para como ficava quando estava sentada. Naquela época, a gente conversava sobre nossa futura dupla de rock, eu na guitarra e ela nos vocais. Só que, depois de um tempo, ela mudou de ideia e disse que queria ser uma estrela da Broadway, em vez de uma estrela pop tipo a Britney Spears.

Mas agora ela praticamente só fala de garotos.

— Oi, Apple — cumprimentou Gretchen, com o cabelo preso em um rabo de cavalo e os lábios cobertos de gloss cor-de-rosa.

— Oi — respondi. Eu me sentei no banco vazio do pátio, abraçando as pernas junto ao peito, e apoiei o queixo nos joelhos.

Alyssa começou a torcer uma mecha de cabelo com o dedo.

— Os garotos estão vindo. Acho que o Jake vai trazer uma galera.

Cinco minutos mais tarde, a porta dos fundos se abriu, e os garotos entraram. Mas não tinha uma galera, eram só três pessoas: Jake Bevans, Lance Bosch e Braden Tucker, todos com bonés de times de Nova York, de Boston, de Chicago, lugares tão distantes da nossa realidade que poderiam estar a um milhão de quilômetros. Braden era da minha turma, mas a gente quase nunca se falava.

Jake se sentou ao lado de Alyssa, e Lance foi para o lado de Gretchen. Mesmo tendo um grande espaço vazio ao meu lado, no banco, Braden se equilibrou no braço da cadeira de Jake.

— Tem mais alguém vindo? — perguntou Braden.

— Talvez — respondeu Alyssa.

Jake se inclinou para longe do amigo.

— Vai sentar em outro lugar. Tira essa bunda da minha cara.

Todo mundo riu, menos Braden e eu.

Jake deu uma cotovelada no amigo, que quase caiu.

— Sai pra lá.

— Não enche — retrucou Braden.

— Cara, tem espaço no banco. E eu não quero a sua bunda na minha cara — retrucou Jake, empurrando o amigo de novo. Dessa vez, Braden escorregou do braço da cadeira e caiu. Todo mundo riu. Braden deu um tapa na nuca de Jake, então se sentou e resmungou alguma coisa que só os dois puderam ouvir.

Senti o coração martelando no peito. Olhei de esguelha para Alyssa e Gretchen, mas as duas estavam muito ocupadas encarando os garotos de olhos claros e brilhantes.

— Que saco — reclamou Braden. — Achei que fosse ter uma festa.

— E teria, se você saísse de cima de mim — retrucou Jake.

Alyssa deu uma risadinha.

— Deixa o cara sentar aí, Bevans, assim ele cala a boca — falou Lance. Ele e Gretchen poderiam ser irmãos, os dois com cabelos e olhos castanho-claros. — Qual é o problema?

Jake gesticulou para o enorme espaço desocupado ao meu lado.

— O problema é que ele está sentado do meu lado que nem uma bichinha enquanto tem todo esse espaço do lado da fulaninha aí. — Ele estreitou os olhos para mim. — Qual é o seu nome mesmo? Não era Orange, ou qualquer outra fruta em inglês?

Jake Bevans gosta de fazer esse teatrinho, fingir que não me conhece, mesmo tendo sentado do meu lado no terceiro ano e passado metade do quarto ano no mesmo grupo de estudo que eu. Mesmo a gente tendo conversado por uma hora durante a viagem de ônibus de um passeio do quinto ano. Naquela época, ele não fazia tanta cena. Era só um menino magrelo que ficava na dele. Agora, é um dos garotos mais altos da turma. Deve ter tomado algum hormônio de crescimento escondido.

— Meu nome é Apple — respondi. — Lembra quando a gente foi obrigado a sentar junto no ônibus, naquele passeio do quinto ano?

Jake soltou uma risada debochada.

— Por que eu me lembraria de uma coisa dessas?

— Porque foi naquele passeio que você se vomitou todo. — As palavras escaparam da minha boca como se tivessem vontade própria. Eu nem estava tentando provocar, mas sabia que ele lembrava.

Os outros deram risada. Jake ficou vermelho e inexpressivo.

— Ah, tadinho do bebezinho! — disse Lance, rindo tanto que inclinou o corpo para trás na cadeira. — A mamãe teve que ir te buscar?

As meninas e Braden deram risada.

Jake olhou irritado para mim.

— Não foi nada de mais — retruquei, mesmo que, na verdade, tenha sido um baita acontecimento. O motorista teve que parar, e tivemos que ligar para a mãe de Jake e tudo. Acabamos chegando ao zoológico meia hora atrasados. — Todo mundo já ficou enjoado andando de carro. Eu mesma fico.

— Aposto que você fica enjoada porque come cachorro — retrucou Jake.

Meu corpo inteiro congelou. O ar escapou dos meus pulmões. Ouvi o comentário de novo, mesmo que Jake não tenha repetido. *Aposto que você fica enjoada porque come cachorro.*

— Como assim? — perguntou Alyssa.

— Chineses comem cachorros no jantar — contou Jake, olhando em volta. — Vocês não sabiam? Nem importa a raça. Inclusive, é ilegal ter cachorro de estimação na China.

Alyssa arregalou os olhos para mim.

— É sério isso?

— A Apple nem é chinesa — retrucou Gretchen.

— Não importa. — Jake cruzou os braços. — São todos os asiáticos, não só os chineses. Todos comem cachorro.

— Por quê? — perguntou Alyssa.

Ele deu de ombros.

— Não sei. Pergunta pra Orange.

Braden e Lance deram risadinhas.

Senti o corpo todo ficar quente, como se de repente eu tivesse desenvolvido uma febre letal.

Alyssa ergueu as sobrancelhas para mim.

— Apple, é sério isso? Chineses comem cachorro no jantar?

— Eu não sou chinesa — respondi.

Alyssa revirou os olhos, como se dissesse: *A gente sabe, a gente sabe... mas dá no mesmo.*

— Ela pode até não ser chinesa, mas garanto que você não vai querer comer cachorro-quente na casa dela — interveio Jake. Então botou os dedos no canto dos olhos, puxando-os para os lados. — Vai quelê um chá chinês com cheu cacholo quente?

Braden cobriu a boca com a mão, em uma tentativa fingida de disfarçar a risada. Lance bateu palmas e gargalhou, se inclinou para a frente, dizendo:

— Nossa, cara, isso é muito errado.

Jake olhou bem para mim e completou:

— Não é à toa que você foi parar na Lista do Cão.

Tudo parou. As risadas. Meu coração. O tempo. Foi como se Jake tivesse jogado uma granada sobre todos nós — uma granada que só eu senti.

Alyssa ficou boquiaberta, olhando de mim para Jake.

Rezei para que um terremoto gigante abrisse uma rachadura no chão e me puxasse para dentro, para o fundo da Terra. Queria sair correndo e me esconder para sempre.

— Apple está na Lista do Cão? — perguntou Alyssa.

Uma onda de emoções se elevou do fundo do meu peito.

Jake deu de ombros.

Gretchen olhou para as mãos.

Até Braden e Lance ficaram quietos.

— Em que posição? — insistiu Alyssa.

— Não sei — murmurou Jake.

Alguns segundos se passaram — segundos que pareceram durar milhares de vidas —, até que Gretchen finalmente quebrou o silêncio:

— Tem mais alguém vindo, Alyssa?

— É, tem mais alguém vindo? — repetiu Braden. Ele se virou para Alyssa, puxando o boné para baixo. A sombra da aba do boné cobria o rosto, escondendo as marcas de acne.

Lance se levantou e foi até o cooler do outro lado do pátio, dizendo:

— Tem, Braden. Sua mãe.

Braden roubou o lugar de Lance, sorrindo como se tivesse conquistado uma vitória. Todo mundo ficou olhando enquanto Lance voltava, esperando pelo confronto que sabíamos que aconteceria. Todos sorriam. Todos, menos eu. Apertei os lábios, tensa. Parecia que já tinham esquecido a história da Lista do Cão — a não ser Alyssa, que virava o rosto toda vez que eu olhava para ela.

Quando voltou com o refrigerante, Lance olhou irritado para o lugar em que antes estava sentado e mandou:

— Levanta.

Braden abriu um sorrisinho pretensioso.

— Quero ver me obrigar.

Lance deixou o refrigerante de lado e começou a puxar Braden, que resistiu até as pernas da cadeira começarem a raspar no chão de concreto. Gretchen soltou um gritinho e deu um pulo quando os dois foram na direção dela.

— Eu mandei sair do meu lugar! — gritou Lance, o rosto vermelho, segurando a risada enquanto prendia Braden em um mata-leão.

Braden resistiu, tentando se soltar. O boné caiu, revelando o cabelo loiro-escuro meio amassado. Ele sacudiu os braços e gritou:

— Não me obrigue a sentar junto da comedora de cachorros!

Jake achou a piada tão hilária que quase caiu da cadeira. Eu queria me levantar e contar a todos como tinha sido aquela viagem de ônibus: como depois de passar mal ele me encarou com os olhos arregalados, cheio de medo. Como eu tive que mexer na mochila dele para encontrar o celular que a mãe dele tinha comprado para emergências. Como eu andei até a frente do ônibus para chamar a professora. Eu queria contar que tinha sussurrado no ouvido dela, para que Jake não ficasse com vergonha, e que tinha ficado em uma posição estratégica no corredor para impedir que as outras crianças vissem a sujeira que ele tinha feito.

— Se você senta do lado dela... ela talvez coma o seu cachorrinho! — exclamou Jake.

Alyssa olhou diretamente para mim, então eu sorri e tentei forçar uma risada para mostrar que nada daquilo que incomodava. Mas não consegui, porque tinha um nó gigantesco na minha garganta. Engoli em seco e fiquei ouvindo meu coração bater com toda a força: *tum-tum, tum-tum, tum-tum*.

Gretchen veio se sentar do meu lado envolta em uma nuvem de perfume de baunilha e shampoo Pantene.

— Pode ficar com o meu lugar, Lance — disse ela.

Finalmente, Lance se sentou de volta na sua cadeira, e Braden ocupou o antigo lugar de Gretchen. Conversamos sobre como estava sendo o

começo do ano letivo, sobre as nossas turmas e os professores que amávamos ou odiávamos. A opinião geral era de que o Sr. Zervanos — ou Sr. Z, como o chamávamos — era o professor mais legal. Então Gretchen e Alyssa falaram sobre os testes para o coro cênico, que estavam sendo coordenados pelo Sr. Z.

Eu tinha tentado me inscrever para participar, mas minha mãe não deixou, então em geral o assunto me causava uma pontadinha de inveja. Só que, naquele momento, minha mente só pensava nas palavras *Lista do Cão*, escritas em uma placa de luz néon bem forte.

— Coro cênico? — Jake franziu o nariz. — O que que é isso?

— É só para o nosso ano — explicou Gretchen. — É um grupo performático que faz apresentações, tipo musicais.

— Nossa, deve ser o clube mais gay da escola — comentou Jake.

Alyssa se levantou.

— Vamos dar uma voltinha lá naquela mata — sugeriu, inclinando a cabeça para as árvores na orla do quintal dos fundos dos Tate, em vez de uma cerca. Todos se levantaram. Primeiro Jake e Alyssa, depois Lance e Gretchen e, enfim, mais hesitantes, eu e Braden.

Alyssa olhou para mim do mesmo jeito que o professor de leitura do quarto ano me olhava quando eu errava a resposta.

— Apple, você precisa ficar aqui — pediu. — Caso minha mãe apareça.

Lance deu um tapa nas costas de Braden, dizendo:

— Fica também. Faz companhia para ela.

— Nem pensar — retrucou Braden. — Não vou ficar plantado nessa varanda velha esperando a mãe da Alyssa só para uns imbecis ficarem se agarrando na mata.

Jake se inclinou para perto dele e sussurrou alguma coisa. Os dois riram.

Meus pés pareciam dois grandes blocos de cimento.

— O que eu digo se ela aparecer? — perguntei.

Alyssa pegou a mão de Jake e começou a se afastar, então respondeu:

— Só fala que a gente foi ali na casa da Claire Hathaway.

— Uuh, a Claire Hathaway! — comentou Braden. — Eu não ia reclamar de levar ela para dar uma voltinha na mata.

Claire Hathaway era líder de torcida, com cabelo ruivo macio e grandes olhos verdes. Ela morava no fim da rua.

Fiquei olhando enquanto eles se afastavam pelo quintal. Gretchen olhou para trás uma vez. Alyssa também. Ela acenou, mas eu não acenei de volta. Quando eles finalmente sumiram por entre as árvores, eu saí da varanda, dei a volta na casa e fui até o meu arbusto. Peguei a mochila e subi na bicicleta. Pedalei rápido, cada vez mais rápido. A corrente da bicicleta estava chacoalhando, mas eu não liguei. Nem sequer desviei das rachaduras no asfalto, as que pareciam vir do centro da Terra. Só continuei pedalando e pedalando até sentir a nuca ardendo, de tanto calor.

A corrente se partiu assim que cheguei à varanda dos fundos da minha casa. Saltei da bicicleta e deixei que caísse na grama com um barulho alto.

Quando entrei, minha mãe estava no sofá, lendo uma revista de moda. Ela ergueu os olhos para mim e sorriu, então deu uma piscadela. Lembrei de Jake, puxando os olhos para imitar um chinês. Lembrei da Lista do Cão.

— Não tem graça ficar sozinha, né? — provocou ela.

Fui direto para o quarto, bati a porta com força e me sentei na cama. Fechei os olhos com tudo e me imaginei atravessando o corredor até a sala de estar. Eu me imaginei parando na frente da minha mãe e encarando aqueles olhos escuros e puxados.

— Sua comedora de cachorros — falei.

### 3. Nenhuma das alternativas anteriores

2MFDM: “For No One”

Copyrighted image

No começo de cada ano letivo na Escola de Ensino Fundamental II Chapel Spring, um grupo de garotos cria uma lista das dez garotas mais feias. Chamam isso de Lista do Cão. Os nomes são mais ou menos públicos, mas tem algum mistério na questão. Heleena Moffett e Martha Leibovitz entravam todo ano. No começo do ano passado, eu e Alyssa conversamos sobre a Lista do Cão e sobre o que faríamos se estivéssemos lá.

— Eu acho que mudaria de escola — comentara Alyssa. Estava sentada no balanço da varanda da casa dela, a perna pendurada para fora da grade. Estávamos comendo sanduíche de mortadela com muita maionese no pão sem casca. — Eu nunca mais ia conseguir aparecer por lá.

— Ah, mas você não precisa se preocupar — tinha sido minha resposta. — Você nunca vai entrar na lista. Você é bonita demais.

— Não vou entrar porque ninguém nem sabe quem eu sou.

Acabei respondendo que ela tinha sorte. Era nova na escola, e por isso podia se tornar quem quisesse. Poderia se reinventar totalmente. Depois

disso, ela ficou um bom tempo quieta. Fiquei esperando ouvir que eu também era bonita demais para a Lista do Cão, mas ela não disse isso.

Coloquei o *White Album* dos Beatles para tocar, desabei na cama ainda com a mochila nas costas e fiquei encarando o teto, ouvindo “Blackbird”. Fechei os olhos e imaginei que voava para longe, igual ao pássaro da música. Imaginei que avançava milhares de anos no tempo, e que a Lista do Cão não importava mais. Então abri os olhos, e importava *sim*. Senti as bochechas vermelhas, os olhos ardendo. Tirei a mochila e fui até o espelho ver qual era a aparência de uma das meninas mais feias da escola.

Quando eu nasci, tinha a cabeça redonda e vermelha. É por isso que me chamam de Apple. Meu nome de verdade é Analyn Pearl Yengko, mas, nas Filipinas, ninguém é chamado pelo nome verdadeiro. Filipinos são conhecidos por dar apelidos engraçados, muitos nem fazem sentido. O nome da minha mãe é Amihan, mas todo mundo a chama de Glo.

Meus olhos são puxados e escuros. Nada americanos.

Meu cabelo é preto, liso e grosso, mas não é sedoso.

Meu corpo é um *palito*. Magro demais, sem curva nenhuma.

Tudo em meu corpo era filipino. Tudo dizia COMEDORA DE CACHORROS e LISTA DO CÃO. Até minha casa. Minha mãe estava de volta à cozinha, esquentando sobras de *pancit* para o jantar. Dava para sentir o cheiro.

Atravessei o corredor com os olhos ainda ardendo. Minha mãe estava tirando a tigela de macarrão de arroz do micro-ondas. Abri a geladeira para pegar um refrigerante; um genérico da Coca-Cola que só dizia *Cola* na lateral do rótulo.

— A gente nunca pode comer nada normal? — perguntei.

— Como assim?

— Não podemos pedir uma pizza? Por que sempre temos que comer coisas assim? — Fechei a geladeira, apontando para o *pancit*.

Minha mãe ergueu as sobrancelhas, então baixou os olhos para o macarrão de arroz.

— Você sempre come *pancit*. — Ela botou a tigela na bancada e pegou dois pratos no armário. — Pizza é muito caro e não faz bem. É por isso que as crianças americanas são tão gordas: estão sempre comendo pizza. Se eu gastasse todo o meu dinheiro em pizza, que nem os americanos, não sobraria nada para mandar para casa.

Ela vivia mandando dinheiro para as Filipinas. Era por isso que comprava tudo do mais barato. Era por isso que eu nunca tinha calças jeans de marcas famosas, como a Alyssa, ou mochilas da moda, como a Gretchen.

— Se você se importa tanto com as Filipinas, por que veio para cá? — murmurei.

Mas minha mãe não ouviu.

Por mais que o *pancit* tivesse o mesmo cheiro de sempre e eu quisesse comer uma tigela cheia, falei:

— Não quero esse troço. É fedido e nojento.

Minha mãe soltou um suspiro e se virou para mim.

— *Ay, sus*. O que deu em você hoje, Apple?

— Eu não quero mais ser chamada de Apple. — A lata de refrigerante parecia um tijolo pesado e gelado na minha mão. Eu nem queria mais beber aquilo. Nem sabia por que tinha vindo até a cozinha. — Quero usar meu nome de verdade.

A testa da minha mãe se encheu de rugas.

— Por quê? Não tem nada de errado com o seu nome. É um bom nome.

— Não é nem mesmo um nome de verdade — retruquei.

Meu peito doeu. Queria jogar o refri na minha mãe.

Ela franziu a testa.

— Foi seu pai que escolheu esse apelido.

Pensei no nome do meu pai escrito em canetinha no *Abbey Road*. Se você escreve o seu nome em alguma coisa, é porque é uma coisa muito

importante; então aquela deve ter sido uma das coisas favoritas dele. Sempre achei que isso significasse que meu pai era criativo e inteligente. Mas, se fosse mesmo tão criativo e inteligente, por que tinha me dado um apelido tão idiota? Será que nunca pensou em como *eu* me sentiria? Será que nunca pensou em como o *meu* nome ia ficar, quando eu precisasse escrevê-lo em alguma coisa?

Engoli em seco.

— Não me importo.

E por que eu deveria me importar? As únicas coisas que eu sabia sobre meu pai, além da fita, eram lembranças vagas e um cartão-postal da nossa ilha nas Filipinas — e isso nem é informação de verdade; é só a imagem do lugar onde a gente morava. Nem tem ninguém na imagem. Só uma praia de areia branca e água azul. Minha mãe vive dizendo que nós nos mudamos para os Estados Unidos para ter uma vida melhor, mas ainda não entendi como Chapel Spring, aqui na Louisiana, pode ser melhor que uma praia de areia branca. Assim que viemos para cá, eu ficava encarando o cartão-postal e imaginando meus pais andando de mãos dadas, com os pés na água. Mas o cartão agora ficava na mesa de cabeceira, embaixo de uma pilha de livros didáticos. Que diferença fazia?

Minha mãe franziu a testa.

— Você não se importa?

— Não.

— Ah, o que o seu pai ia dizer?

Deu para ver a lembrança nos olhos dela, a recordação de como eu sempre pedia que ela me contasse a história de como nasci. Mesmo sentindo uma pontada diante daquele olhar, eu não me importei. Achei foi bom que ela estivesse preocupada. Era para se preocupar mesmo, já que era por culpa dela que eu estava na Lista do Cão. Ela é quem me trouxera para cá; ela é que era filipina de verdade.

— Meu pai morreu, esqueceu? — A lata de refrigerante gelada deixou meus dedos dormentes. — E não é você que precisa ir para a escola com um nome idiota feito Apple.

As palavras saíram da minha boca, uma depois da outra. O ar de repente ficou pesado.

— Tá bem, *Analyn* — respondeu minha mãe, então se virou para devolver minha porção de *pancit* ao pote.

Fui para o meu quarto e afastei aquilo tudo da cabeça: o olhar da minha mãe lembrando, meu pai me dando um apelido engraçado em alguma vila do outro lado do mundo, a forma como me senti na varanda de Alyssa, as palavras *comedora de cachorros*, *chinesa*, *Lista do Cão*. Encarei meu reflexo no espelho do quarto e escutei os Beatles cantando “Don’t Pass Me By”.

— Olá. Meu nome é Analyn Yengko.

*Analyn. Analyn. Analyn. A-n-a-l-y-n-Y-e-n-g-k-o.*

Toda a choradeira tinha deixado meus olhos vermelhos.

*Pode me chamar de Analyn.*

— Meu nome é Analyn Yengko — disse a menina no espelho.

Prendi o cabelo num rabo de cavalo igual ao da Gretchen.

Analyn Yengko: popular e engraçada. Analyn Yengko: a menina mais bonita da escola. Analyn Yengko: muitos amigos e namorados. Analyn Yengko: não come cachorro no jantar.

— Adeus, Apple. Olá, Analyn.

Mas de que adiantava um nome novo, se todo mundo já sabia quem eu era de verdade?

Eu era Apple Yengko: nenhuma das alternativas anteriores. E todo mundo sabia disso, inclusive eu.

## 4. Ainda quase ok

2MFDM: “Across the Universe”

Copyrighted image

Na sala de aula, na segunda-feira, fiquei me perguntando quantas pessoas sabiam que eu estava na Lista do Cão. Parecia que todo mundo que eu conhecia sabia, como se eu estivesse vestida com um daqueles cartazes de corpo inteiro dizendo *Feia*. Vi Claire Hathaway e as amigas rindo e conversando sobre as novidades do fim de semana. Nenhuma delas estava na lista, isso era um fato. Fiquei olhando enquanto a Claire arrumava os livros e dizia alguma coisa para Caleb Robinson, sentado ao seu lado, e me lembrei de Jake, Lance e Braden querendo levá-la para dar uma volta na mata. Mesmo que beijar os lábios rachados de Braden Tucker fosse a coisa mais nojenta que eu podia imaginar, eu faria qualquer coisa para trocar de lugar com Claire Hathaway. Ela que fique com os olhos puxados e a pele escura e que vá para casa comer *pancit* e alho. Eu quero ser a líder de torcida branca e americana.

Quando o Sr. Ted subiu no tablado, desviei o olhar de Claire e foquei nele. Era muito fácil. Existem poucas coisas piores do que ser a única comedora de cachorros da Escola Chapel Spring, e uma delas era ser Ted Stanley, o professor de matemática.

Acho que todo mundo na Terra deve ter pelo menos três fatos interessantes sobre si. Um dos fatos do Sr. Ted era que ele usa a mesma roupa — ou pelo menos o mesmo modelo de roupa — todo santo dia. Camisa de botões com estampa floral, como se estivesse partindo para uma viagem para o Havaí naquela mesma tarde. Uma calça cáqui desbotada com pregas, que estufava na parte da frente e fazia parecer como se ele estivesse carregando um balão nos bolsos. Óculos de armação preta. De vez em quando, meias descombinando.

No primeiro dia de aula, em agosto, ele nos disse para chamá-lo de Sr. Ted, em vez de Sr. Stanley. Disse que Sr. Stanley era “formal demais” e que é possível “demonstrar respeito usando o primeiro nome”. Então, ele levantou o braço para escrever *SR. TED* em letras grandes e maiúsculas no quadro, e todo mundo viu as manchas de suor no sovaco com estampa floral. Braden foi o primeiro a notar. Ele deu uma risadinha debochada pelo nariz, bem atrás de mim.

Um fato sobre Braden: ele ama zombar dos outros, mas nunca é nada engraçado.

Naquele dia, Braden chamou o Sr. Ted de “Tedinho Suadinho”, bem baixinho, e Danica Landry riu. Era tudo o que ele precisava. Dali em diante, era Tedinho Suadinho para cá, Tedinho Suadinho para lá... Braden chamava o professor de Tedinho Suadinho desde o primeiro dia, e Danica ainda dava risadinhas.

Além disso, o Sr. Ted não suou só naquele dia. Ele suou no dia seguinte, e no outro também. O pior é que ele era um professor muito legal, e, quando pessoas como Braden davam a resposta certa e o chamavam de Sr. Ted com um grande sorriso falso, dava para ver que ele realmente sentia como se fôssemos um time demonstrando respeito mútuo. Tento mandar ondas de pensamento para o Sr. Ted. *Por favor, Sr. Ted, troque de camisa ou use desodorante, assim eles vão parar de chamar você de Tedinho Suadinho.* Mas eu sabia que, depois que o apelido nasceu, o Sr. Ted estava condenado àquele título, mesmo que

usasse camisas novas e passasse o resto do ano cheirando a mel. Assim como eu estava condenada a ser a Apple.

O Sr. Ted e sua grande ostentação de flores vermelhas e laranja bateu no tablado três vezes, do jeito que sempre fazia quando estava na hora do “silêncio, por favor, silêncio”.

— Fico feliz de ver todos vocês na minha turma, porque isso significa que terei o prazer de contar para vocês qual é o destino da excursão deste ano. — Outro fato do Sr. Ted: ele gosta de trocar palavras normais por outras mais chiques. Tipo *excursão* em vez de *passeio*. Ele pigarreou antes de completar: — Senhoras e senhores, o destino da viagem deste ano é...

Ele ergueu os braços, as palmas expostas para enfatizar a intensidade do momento, e abriu um sorriso maroto, como se fosse compartilhar um grande segredo com um grupo de amigos. A turma toda olhou para ele, vendo as manchas de suor já começando a surgir.

— Nova Orleans.

A sala irrompeu em vivas e gritinhos de alegria.

O sorriso do Sr. Ted crescia cada vez mais, como se nossa empolgação fosse contagiante e se espalhasse pelo rosto dele.

— Nova Orleans fica a três horas de distância, então vai ser uma viagem longa. Não se esqueçam de pedir a autorização aos seus pais e de falar para eles se candidatarem se quiserem ser acompanhantes. — O Sr. Ted colocou uma pilha de pedidos de autorizações na mesa de Claire, que se sentava na primeira mesa da primeira fileira, então o Sr. Ted sempre deixava os papéis com ela, para passar adiante. Acho que era por isso que ela sentava ali.

Ela se levantou imediatamente, as autorizações encaixadas na dobra do braço, então lambeu o dedo indicador para passá-las adiante. Ela fazia isso na frente de cada fileira. Levava a tarefa muito a sério. Eu não gostava muito de receber um papel com mancha de dedo babado, mas não tinha muita opção.

A folha de autorização descrevia a programação do dia: aquário, almoço, planetário, museu. A viagem seria dali a oito semanas, logo antes

do feriado de Ação de Graças. O Sr. Ted repassou cada detalhe, item por item, mas ninguém estava prestando atenção. Todos tagarelavam sobre como tínhamos sorte de não ser um passeio chato para o capitólio do estado. Eu estava ocupada pensando na Lista do Cão e rasgando a ficha de inscrição para acompanhantes no pé da página, para poder me livrar dela.

Depois do sinal, fui até o armário da Gretchen. Ela e Alyssa pareciam imersas em uma conversa. Gretchen enfiava livros na mochila de marca e assentia para Alyssa, que falava um milhão de palavras por minuto. Quando me aproximei, ela parou no meio de uma frase.

— O que *aconteceu* no sábado? — perguntou ela. — Quando a gente voltou, você tinha sumido.

— Tive que ir para casa. O que vocês fizeram, afinal?

Alyssa sorriu e inclinou a cabeça.

— Coisas...

— Então Jake te beijou? — perguntei, me esforçando para não deixar transparecer o que eu estava realmente pensando: que eu preferiria lambe uma das camisas do Sr. Ted a beijar Jake Bevans.

Não que ele fosse me beijar, de qualquer forma.

— Foi mais *ela* que beijou *ele* — retrucou Gretchen.

Alyssa suspirou. Descolada e descontraída.

— Bem, às vezes não dá para ficar só esperando que a outra pessoa tome uma atitude.

Alyssa tinha beijado um garoto durante as férias de verão e agora fingia ser uma conquistadora profissional ou coisa do tipo. Gretchen teve um namorado na praia, e eles se beijaram três vezes, mas Alyssa finge que isso não conta, não sei bem por quê.

— Você é tão sedutora... — comentou Gretchen, e as duas deram risadinhas.

Eu estava prestes a perguntar o que elas achavam do passeio quando olhei por cima do ombro de Alyssa e vi Heleena Moffett vindo na nossa direção. Ela andava devagar, do jeito de sempre; sem balançar os braços

nem olhar em volta. Só rolando pelo corredor, como uma bola de praia enorme. Heleena devia pesar mais que eu, a Gretchen e a Alyssa juntas. Todo mundo saía do caminho dela instintivamente. Parecia um peixe gigante nadando por um cardume de peixinhos. E sempre nadava sozinha.

Dei uma batidinha do quadril de Gretchen e disse:

— Acelera aí, slowpoke.

— Qual é a pressa? — perguntou Alyssa.

— Já vai — disse Gretchen.

Ela pendurou a mochila no ombro, pegou um batom da prateleira do armário e passou nos lábios, que se iluminaram.

— Me empresta? — perguntei.

Gretchen pareceu surpresa, mas sorriu.

— Claro — respondeu, me entregando o batom.

Alyssa cruzou os braços e se recostou no escaninho ao lado do de Gretchen, que pertencia a Heleena.

— Agora está meio tarde para isso — comentou.

— Como assim? — perguntei, olhando no espelho de Gretchen enquanto passava o batom.

— Você já está *na lista*. Você deveria ter feito isso no ano passado.

Devolvi o batom. Parecia que eu tinha levado um soco no estômago. Além disso, me sentia completamente ridícula.

— Alyssa! — exclamou Gretchen. — Não acha que você pegou pesado, não?

Alyssa desviou o olhar.

— Foi mal, Apple. É só que eu acordei de mau humor. E fiquei muito brava com essa história de você estar na lista. Tipo, é muito errado.

Apertei e esfreguei os lábios. De repente, pareciam as coisas mais luminosas do mundo.

Gretchen fechou o armário.

— Pera aí... aimeudeus! Para tudo! Minha bolsa! Sumiu! — Ela abriu o armário de novo e remexeu na pilha organizada de livros, como se a

bolsa rosa de tachinhas pudesse estar esmagada entre eles.

Um dos fatos de Gretchen: ela perde a bolsa mais ou menos uma vez por semana. Às vezes, aparece logo. Em outras, ela precisa refazer os passos até o banheiro feminino ou embaixo das arquibancadas do ginásio. Soltei um grunhido.

Gretchen achou a bolsa, mas, logo antes que ela conseguisse fechar o armário, Heleena cutucou Alyssa no ombro. *Tap-tap-tap*. O rabo de cavalo de Alyssa chicoteou o ar. Senti cheiro de coco.

— Pois não? — perguntou ela, com a tranquilidade das pessoas manieras.

Heleena tinha uma vozinha fraca. A mesma vozinha desde o segundo ano. Era a única coisa “inha” nela.

— Posso usar meu armário, por favor? — pediu.

Quase que oitenta por cento das vezes, Alyssa estava bloqueando o armário de Heleena. No começo eu achava que não era de propósito, mas agora não tenho tanta certeza.

— Ai, foi mal. — Alyssa levou uma das mãos ao peito. — Eu teria saído, só não vi você chegando.

Alyssa saiu do caminho, mas não o suficiente. Ela nunca se movia o suficiente. Heleena teve que pedir licença mais duas vezes.

— Nossa, desculpa de novo por ficar no caminho — falou Alyssa, enquanto seguíamos pelo corredor. — A culpa é da Gretchen. Ela demora uma eternidade no armário.

Ela revirou os olhos de um jeito exagerado, que dizia: *Sabe como são as melhores amigas*.

Heleena se virou para o próprio armário, sem responder.

— Ai, eu tento ser legal com a Heleena, porque sei que ela não tem amigos, ♦mas, meu Deus, tem como ser mais nojenta? — sussurrou Alyssa. — Ela precisa de ajuda urgente. Aquilo não é nem *saudável*. Disseram que ela almoça na biblioteca, porque ninguém aguenta ver quando ela come. Bem, talvez seja só porque ela não tem amigos. — Alyssa se virou para mim. — Você talvez esteja *na lista*, Apple, mas pense

que poderia ser bem pior. Pelo menos você não é a Heleena *Gordett*. — Ela fez uma pausa. — A não ser...

— A não ser o quê? — perguntei.

A sensação de soco no estômago ainda não tinha passado. Eu não ficaria surpresa se levantasse a camiseta e visse um hematoma enorme.

— A não ser que você esteja *acima* da Heleena na lista — completou Alyssa, franzindo a testa.

Gretchen revirou os olhos.

— Isso é impossível. — Ela olhou para mim e repetiu: — Isso é impossível, Apple. E essa lista é idiota. Quem se importa?

Mas a gente sabia que todo mundo se importava.

— Eu preciso descobrir em que posição você está — declarou Alyssa. Ela sorriu e colocou uma das mãos no meu ombro. — Pelo seu bem. Você não ia querer saber? Quer dizer, se você estiver em oitavo ou sei lá, não seria tão ruim, né? É quase ok.

— Quase ok para quê? — perguntei.

Mas ela não respondeu.

## 5. Olá, adeus

2MFDM: “Helo, Goodbye”

Copyrighted image

Como sempre, eu, Gretchen e Alyssa nos acomodamos para almoçar sob o carvalho gigante e esperamos pelo “grande anúncio” de Alyssa. Ela adora fazer grandes anúncios. É um dos seus fatos. Acontece quase todo dia.

Alyssa respirou fundo, como se estivesse prestes a nos contar que estava com câncer terminal.

— Acho que não vou me inscrever para o coro cênico.

Gretchen soltou um grunhido de surpresa; a reação de sempre. Abri meu saco de batatinhas.

— Mas você tem que se inscrever! — exclamou Gretchen. — Quem vai ficar comigo? Sem falar que você é a melhor.

Alyssa assentiu, como se dissesse: *Eu sei, eu sei.*

— Só não sei se dou conta de tudo. — Ela abriu o saco de salgadinhos sabor cebola. — Vou fazer teatro comunitário na primavera e tenho aula de dança uma vez por semana.

— Você tem que se inscrever, Alyssa — insistiu Gretchen. — *Tem que.*

Alyssa assentiu de novo. *Eu sei, eu sei.*

— Vou pensar. Decido até amanhã.

— Isso tem alguma coisa a ver com o que Jake falou? — perguntei, abrindo minha lata de refrigerante. — Sobre o coro cênico ser o clube mais gay da escola?

— Como se eu me importasse com o que ele diz! Eu faço o que quero. Só acho que pode ser demais para encaixar na agenda. Vocês sabem como sou ocupada. Foi bom não ter entrado para a equipe de líderes de torcida.

Na verdade, ela *não foi aceita* na equipe de líderes de torcida.

Tomei um grande gole do refrigerante e decidi mudar de assunto. Quanto menos conversa sobre Jake Bevans e seus amigos, melhor.

— O que vocês acharam do passeio? — perguntei. Estava olhando para Gretchen, mas foi Alyssa que respondeu.

— Amei! Já até pensei em umas ideias de roupa para usar. Mas, pensando melhor, talvez eu consiga convencer minha mãe a comprar alguma coisa nova. Tipo, ainda falta uma eternidade. — De repente, seu rosto se iluminou. Outro anúncio. — Falando em novidade, adivinha o que eu descobri hoje?

Ficamos olhando para ela, esperando.

— Vamos poder usar fantasias de Halloween no baile do outono deste ano! Vai ser *in-crí-vel*. Temos que decidir nossas fantasias.

Gretchen jogou um punhado de Skittles na boca.

— Eu planejava me vestir de noiva zumbi no Halloween.

— Não acha que estamos meio velhas para essas coisas? — retrucou Alyssa.

Olhei para Gretchen, comentando:

— Eu gostei da ideia da noiva zumbi.

— Valeu — respondeu ela. — E você, Apple? Vai se fantasiar de quê?

— Apple não vai ao baile — retrucou Alyssa, antes que eu conseguisse responder. Ela se virou para mim, os olhos arregalados. — Vai?

— Não sei. Pensei em ir. Por que eu não iria?

— Ano passado você disse que esses bailes eram idiotas.

Não contei a Alyssa que tinha dito isso porque ela e Gretchen tinham ganhado roupas novinhas, e eu sabia que minha mãe nunca compraria uma roupa nova para mim, então teria que usar alguma coisa que elas já tinham visto na escola. Mas uma festa de Halloween era outra história... eu poderia fazer minha própria fantasia.

— Então você mudou de ideia? — perguntou Alyssa.

— Não sei. Depende.

— Bem, eu com certeza vou. E acho que o Jake vai me convidar.

— Eu devo ir com o Lance. — Gretchen amassou o saco vazio de Skittles e o enfiou no bolso. Ela preferia guardar o lixo das besteiras que comia nos bolsos, em vez de andar três metros até uma lixeira. Um dos seus fatos.

— Por que a gente precisa ir acompanhada? — perguntei. — Ninguém foi em casal, no ano passado.

Alyssa suspirou, como se eu fosse a pessoa mais burra na Terra.

— As coisas estão diferentes este ano. Todo mundo vai acompanhado. Bem, exceto talvez a Gordett. — Ela deu uma risadinha maliciosa.

Analisei a multidão do almoço em busca de possíveis pares, mas só vi os mesmos rostos que conhecia desde o ensino fundamental I, e nenhum deles iria ao baile com uma garota da Lista do Cão. Quem poderia culpá-los? Vi outra vez o letreiro néon em cima de mim — LISTA DO CÃO, LISTA DO CÃO, LISTA DO CÃO — e senti os cantos dos olhos umedecerem, então pisquei várias vezes e fingi que um cisco tinha entrado no meu olho. Quando finalmente ergui o rosto de novo, vi uma cabeça desconhecida com cabelo castanho bagunçado junto às máquinas de venda. Era um garoto que eu nunca vira. E, mesmo no meio da multidão, ele não parecia fazer parte daquilo. Estava recostado na parede, lendo um livro.

— Quem é aquele? — perguntei, apontando.

— Não faço a menor ideia — respondeu Alyssa. E estreitou os olhos para ele. — Não me lembro de ter ouvido nada sobre um aluno novo.

— Nem eu — falamos eu e Gretchen, ao mesmo tempo.

— O que ele está fazendo? — perguntou Gretchen. — Ele está mesmo lendo um livro junto das máquinas de venda?

Poucos alunos liam durante o almoço, mas ali estava ele. E parecia realmente entretido. Fiquei querendo saber que livro era aquele.

— Deve ser porque não tem ninguém com quem conversar — concluiu Alyssa.

Ela se levantou e limpou a grama da calça. Eu e Gretchen fizemos o mesmo.

— A gente vai falar com ele? — perguntei.

— Claro, por que não?

A calça do garoto era comprida demais, então a bainha se curvava sob os tênis sujos. Notei que ele estava de Vans, minha segunda marca de tênis preferida, perdendo apenas para a All Star. Dá para saber muito sobre alguém pelos tênis. Alyssa sempre dizia que eu tinha que usar sapatos diferentes, porque meu All Star preto estava todo gasto. E sugeria que eu usasse sandálias, que nem ela e a Gretchen. Mas por que eu usaria sandálias, se posso usar sapatos confortáveis? Se bem que, pensando melhor, se eu tivesse ouvido esse conselho, talvez não fosse uma das meninas mais feias da escola.

O garoto novo tinha cabelo comprido, caindo sobre os olhos de um jeito que me dava vontade de ajeitar. O livro era bem grosso. Ele franzia as sobrancelhas enquanto lia, igual minha mãe faz quando está jogando baralho.

— Oi — cumprimentou Alyssa.

Ele não viu a gente, ou talvez não tenha escutado, só continuou lendo.

— Oi — repetiu Alyssa, mais alto. E botou uma das mãos na cintura.

Ele ergueu o olhar.

— Oi — respondeu, relanceando depressa para nós três antes de voltar a atenção ao livro.

— Hum... tudo bem? — indagou Alyssa.

Ele ergueu o olhar de novo.

— Tudo.

Então voltou a ler.

Alyssa olhou para Gretchen e revirou os olhos.

— Com licença — disse ela, colocando uma das mãos sobre o livro.

— Você é novo aqui?

Ele finalmente abaixou o livro. Parecia muito irritado. Tentei ver o título, mas só consegui identificar que era da biblioteca da escola.

— Sim, sou novo aqui.

O cabelo dele caía sobre o rosto; alguns fios se prenderam nos cílios, quando ele piscou.

— A gente veio se apresentar — explicou Alyssa.

— Tá bom. — Ele soprou o cabelo para longe dos olhos.

Nós quatro ficamos um tempo em silêncio.

— Estou esperando — comentou ele.

Alyssa estava com ambas as mãos na cintura agora.

— Affe! Deixa pra lá. — Ela deu meia-volta e saiu andando, seguida de perto por Gretchen. Eu me apresentei como Analyn antes de ir atrás delas, só que um pouco mais devagar.

— É junto ou separado? — perguntou ele. — Tipo, Anna e depois Lynn?

Eu me virei.

— Não. É A-N-A-L-Y-N mesmo.

— Maneiro — respondeu ele, assentindo. — Meu nome é Evan Temple. Acabei de me mudar da Califórnia.

Tem vários compositores muito bons na Califórnia, tipo Matt Costa e Eleisha Eagle, então pensei em perguntar que tipo de música ele gostava, mas em vez disso perguntei que livro ele estava lendo.

— É o *Silmarillion* — explicou Evan, erguendo o livro para mostrar a capa. Era do J.R.R. Tolkien. — É do mesmo cara que escreveu *O Senhor dos Anéis*.

— Eu amo esse filme — falei.

— Você devia ler o livro.

Alyssa gritou “Apple!”, gesticulando para me chamar. Fui andando de volta para o carvalho, e ela me lançou um olhar irritado, como se eu fosse uma traidora.

— O garoto se chama Evan Temple — contei. — Ele é da Califórnia.

— Evan Temple? — Alyssa fez careta. — Que nome idiota é esse?

*Quase tão idiota quanto Apple, pensei.*

Olhamos de esguelha para o garoto novo, que tinha voltado a ler. Mas, logo antes de eu desviar o olhar, acho que vi ele olhando para mim. Mas não deu para ter certeza.

Alyssa ficou falando sobre como o garoto novo era um babaca até o sinal tocar e Gretchen anunciar que não estava achando a bolsa. Enquanto as duas procuravam, olhei de volta para as máquinas de venda, mas Evan Temple já tinha sumido.

## 6. A Lista do Cão

2MFDM: “Act Naturally”

Copyrighted image

A Lista do Cão não é uma lista escrita. É uma informação passada de garoto em garoto, até chegar a todos os caras que merecem estar “por dentro”. Acho que é bom que a lista não esteja em um papel, mas isso não a torna nem um pouco menos real.

O motivo de ninguém colocar a lista no papel é porque, há alguns anos, uns garotos se ferraram feio por isso. Foram até suspensos. Então, no ano seguinte, simplesmente virou uma lista oficial não oficial. O que só aumenta o mistério.

A única coisa pior do que estar na Lista do Cão é estar no top cinco. Parte de mim queria saber minha posição, mas outra parte queria morrer sem saber. Ou só morrer, ponto. Só que Alyssa estava determinada a descobrir. Assim que chegou em casa, depois da escola, ela me ligou para contar que Jake tinha entregado o jogo.

Quando o telefone tocou, eu estava sentada no chão do quarto ouvindo *Abbey Road* e batendo com o lápis no livro de ciências sociais no ritmo da música. Eu não colocava mais a fita do meu pai para tocar porque estava em péssimo estado, mas tinha o álbum baixado no laptop,

assim como o *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, o *Magical Mystery Tour*, o *White Album* e o *All Things Must Pass*, o primeiro álbum lançado por George Harrison depois do fim da banda.

Às vezes sinto que Beatles é a trilha sonora da minha vida. Às vezes sinto que música é a única coisa que me salva, ainda mais em momentos como esse, quando minha suposta melhor amiga está pronta para me contar o quão feia eu sou.

— Eu sei em que posição você está — afirmou ela. Sua voz estava séria. Séria demais.

Larguei o lápis e fui para a cama. Quando você está prestes a receber más notícias, é bom saber que, se cair, vai ser no macio.

— Não me importo — falei, mesmo o coração batendo tão alto que eu tinha certeza de que Alyssa conseguia ouvir. — Gretchen está certa. É idiota.

— A lista é mesmo muito superficial — concordou Alyssa. — Mas você não quer saber sua posição? Assim a gente pode pensar em como tirar o seu nome de vez dessa lista.

— Se é superficial, por que importa?

Alyssa suspirou.

— Você quer mesmo ir para o ensino médio sendo uma das garotas da Lista do Cão? Pense bem.

A Lista do Cão podia até não ser escrita, mas era impossível de apagar. Eu sabia o nome de algumas garotas de lá que estavam no oitavo ano enquanto eu estava no quinto. Amanda McNally. Kim Achee. Bonnie Nyberg. Não conseguia lembrar muito bem como eram, mas lembrava os nomes.

Assim como as pessoas se lembrariam de Apple Yengko.

— Não importa — falei, mas minha voz soou baixinha e fraca, igual a de Heleena.

— Importa, sim. Estamos falando de classes, Apple.

Alyssa acredita que a escola é dividida em classes. Os alunos mais populares — as Claires, os Jakes, os Lances e outros — estão na primeira